



A visita do pai de Fábio

Alexandre Santos

Conto escrito em setembro de 2009, que integra a trilogia 'A visita', narrando versão da aventura vivida por um visitante não autorizado à UTI de um hospital. Baseado em caso real.

Era quase meia-noite.

Pelo visor da UTI, através da fresta aberta no grupo reunido às pressas pelo médico-chefe para traçar o plano de atendimento da madrugada – período que insinuava tranquilidade, pois, dos quatro pacientes internados, apenas um aparentava gravidade –, a Dra. Gerusa viu quando, depois de se deter rapidamente nos outros leitos, o homem parou, fez uma genuflexão e imobilizou-se diante de Fábio. Muito estranho. Horário irregular, nada dos cuidados protocolares, a rápida visita a cada paciente, a genuflexão, a vigília. Tudo muito estranho e, sobretudo, grave. Coisa que não poderia passar impune. A médica abandonou a reunião e correu à UTI. Consciente de suas responsabilidades, a médica cultivava carinho especial pelo jovem Fábio – vítima de grave acidente automobilístico –, cuja mãe, uma senhora amável, em poucos dias de conhecimento, cativara a simpatia de todos.

Disposta a ser dura, a médica não poupou palavras.

– O que o senhor está fazendo aqui? O senhor não pode entrar aqui assim. Está fora do horário das visitas. Está vestido de forma irregular. O senhor quer matar os pacientes? Quem deixou o senhor entrar? – a médica abriu a matraca.

Lá pelas tantas, já cansada de ralhar, a Dra. Gerusa resolveu parar para respirar e perguntou:

– Quem é o senhor?

– Eu sou o pai dele! – respondeu o homem em tom grave, apontando o rapaz sem, sequer, desviar o olhar do leito.

Gerusa estava preparada para tudo, menos para aquilo. Extremamente religiosa, dessas que se dizem 'católica, apostólica, romana e praticante', a médica não dava crédito às histórias sobrenaturais, mas aquilo fora demais. Num milionésimo de segundo, ela lembrou do plantão anterior, quando a mãe de Fábio contara como o marido morrera há quase cinco anos em acidente parecido com aquele que, agora, vitimara o filho.

Não havia muito o quê pensar.

Estava claro.

O homem surgido do nada, que, impassível, ouvia seu baile, era o pai de Fábio. Um calafrio a eletrizou.

Antes de dar meia-volta e sair em disparada, Gerusa ainda arriscou um soslaio ao homem. Não mais viu um ser humano, apenas um vulto espectral. Suportando a vontade de desmaiar, correu como nunca correria na vida.

Esbaforida, Gerusa chegou a sala dos médicos e, aos gritos, anunciou a presença do desconhecido na UTI. Instalou-se um pandemônio. Como que treinados em situações semelhantes, automaticamente a reunião foi interrompida e, todos correram à UTI para escorraçar o intruso. Mais experiente, o cirurgião-chefe ligou para segurança e comandou uma vistoria no andar.

- Aqui não tem ninguém, doutor - anunciou o vigilante, depois de inspecionar, pessoalmente, todos os recantos, inclusive os armários da UTI - Vamos procurar no restante do hospital.

A busca revelou-se inócua.

Segundo a segurança, só os doentes e o pessoal do plantão estavam no prédio. A cada "nada do homem", um calafrio abalava Gerusa e nova razão justificava a desconfiança dos colegas com o descontrole da médica. O relógio ainda não atingira a primeira hora da madrugada, quando as buscas foram encerradas.

- Ninguém foi achado, Gerusa. Você deve ter imaginado a visita ou, quem sabe, visto um fantasma - brincou o cirurgião-chefe, que, embora também qualificasse como grave a presença de um intruso no hospital, achara exagerada a reação da médica, sugerindo que ela descansasse um pouco - Você está estressada - diagnosticou.

Pressionada, em meio a calafrios que a arrepiavam dos pés à cabeça e lágrimas que sulcavam o horror na fina camada de pó espalhado na pele pálida, a médica confessou a razão de seu medo. O relato foi estarrecedor.

- O pai, meu Deus, veio visitar o filho... - um calafrio convulsionou Gerusa, que, sem controle, deixou explodir a crise de choro reprimida até então.

E a reunião perdeu o prumo.

Um rosário de "Cruz, credo's" e "Virgem Maria's" correu o grupo, deixando bocas escancaradas e mãos trêmulas num círculo de medos e pavores incontidos. Sem que ninguém pedisse, fragmentos de histórias, suspeitas e sensações emergiram, compondo um mosaico escabroso. Não havia mais dúvidas: sendo o local onde a maioria dos óbitos ocorria, a UTI era mal-assombrada - uma espécie de portal por onde passavam almas que vinham e iam para o além. Assustada até a medula, a enfermeira-chefe anunciou que não entraria mais na UTI, incitando uma rebelião nos mais medrosos. Mesmo apavorada, a Dra. Gerusa assustou-se com a possibilidade dos pacientes ficarem sem companhia e assistência durante toda a madrugada e, sem condições de repreender o justificável motim, resolveu dar o bom exemplo. No curso de uma preleção rápida, conseguiu duas voluntárias e rumou à casa dos espíritos. Como se obedecessem a algum comando único, em silenciosa procissão, mãos nos bolsos, as três seguiram em confronto às coisas que perturbavam a paz da UTI. Quem visse a segurança como a coluna desafiava a incerteza jamais saberia do terço cofiado

incessantemente pelas mãos gélidas guardadas no interior das batas. A expedição da coragem não resistiu ao primeiro ruído. Bastou o despertar de uma geladeira para que a segurança dada pelos terços desmoronasse e, em debandada, as voluntárias destemidas desembestassem de volta ao refúgio da sala de reuniões.

O espectro do fantasma espalhou-se, amedrontando a todos, independentemente de religião, sexo, profissão ou idade. Unidos no medo, talvez como último recurso, ateus se converteram e beatos exaltaram crenças, transformando o hospital num centro de fé. Em cada canto e recanto houve reza, louvores e cânticos invocando a ajuda de santos e deuses de todas as religiões. Mas o fervor não surtiu efeito. Convocado às pressas, um experimentado pai-de-santo desmoralizou o padre e o pastor já mobilizados e alertou que, resistente às rezas e orações, o ambiente continuava carregado, repleto de maus espíritos.

A madrugada avançou sem novidades. Na UTI, entregues à própria sorte e aos eventuais fantasmas, os pacientes continuavam ligados aos aparelhos. No outro lado do corredor, entrincheirados numa corrente de orações, médicos, enfermeiros e auxiliares não ousaram enfrentar as almas vivas e mortas que pudessem estar por lá.

Na manhã seguinte, uma nova equipe assumiu o plantão e a UTI voltou ao normal.

Soube-se, então, do desastre.

Dos quatro pacientes internados na UTI, três estavam mortos. Vivo apenas Fábio, que, para surpresa de todos, melhorara durante a madrugada.

Ao saber da notícia na capela, onde assistia a primeira missa do dia, a Dra. Gerusa convenceu-se de que, ao contrário do que pensara, o pai não viera buscar e, sim proteger Fábio da morte – mas, para não perder a viagem, levava os outros três.

Nova onda de calafrios eletrizou a médica, que fechou os olhos com fervor para rezar a oração dos mortos.

(*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste do Brasil.